AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

ESTUDO DE CASO: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DENTRO DA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NIVEL 1 NO ENSINO MÉDIO

AUTOR: FÂNIA JARDELLY LIMA BEZERRA

RESUMO

O referido trabalho apresenta um estudo de caso de alunos com espectro autista nível 1, em busca de estratégias metodológicas a serem desenvolvidos em uma escola de uma periferia na favela Tancredo Neves em Salvador, onde funciona o Ensino Médio. Um grande desafio para o próximo ano letivo, pois receberá 10 alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo 06 meninos e 04 meninas, todos classificados no nível 1. As estratégias realizadas neste trabalho, foram de forma descritiva e de abordagem qualitativa. Utilizou a busca das informações através de levantamentos bibliográficos e entrevista com famílias que vivem a situação de lidar com adolescentes com TEA. O autista nível 1 costuma ser invalidado em suas limitações. Dessa forma, eles são cobrados e precisam provar, a todo momento, que suas necessidades de apoio precisam ser legitimadas, esse é, sem dúvida, o peso do autismo nível 1. As principais características de um autista são: dificuldade para interagir socialmente, como manter o contato visual, identificar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar as próprias emoções e fazer amigos. Dificuldade na comunicação, caracterizado por uso repetitivo da linguagem e dificuldade para iniciar e manter um diálogo. Os resultados permitiram constatar que ainda há muito que se aprimorar no sistema educacional para considerá-lo inclusivo e que investir na

conscientização na Educação Básica permitiria a construção de uma sociedade empática e garantiria um ambiente mais saudável para as pessoas com TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, desafios e estratégias metodológicas.

SUMMARY

This work presents a case study of students with autism spectrum level 1, in search of methodological strategies to be developed in a school on the outskirts of the Tancredo Neves favela in Salvador, where high school operates. A great challenge for the next school year, as it will receive 10 students with autism spectrum disorder (ASD), 6 boys and 4 girls, all classified at level 1. The strategies carried out in this work were descriptive and qualitative in approach. used the search for information through bibliographical surveys and interviews with families who experience the situation of dealing with adolescents with ASD. Level 1 autistic people tend to be invalidated by their limitations. In this way, they are charged and need to prove, at all times, that their support needs need to be legitimized, this is, without a doubt, the burden of level 1 autism. The main characteristics of an autistic person are: difficulty interacting socially, such as maintain eye contact, identify facial expressions and understand communicative gestures, express one's emotions and make friends. Difficulty communicating, characterized by repetitive use of language and difficulty starting and maintaining a dialogue. The results showed that there is still a lot to improve in the educational system to consider it inclusive and that investing in awareness in Basic Education would allow the construction of an empathetic society and guarantee a healthier environment for people with ASD.

KEYWORDS: Inclusion, challenges, and methodological strategies.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão do autismo em sala de aula ainda é um desafio para todos, mesmo sendo um direito garantido por lei, que também assegura apoio aos professores. No entanto, muitas escolas alegam não estarem preparadas para a inclusão, o que demanda trazer o assunto para a discussão e propagar informações sobre o TEA — Transtorno do Espectro Autista.

A inclusão do autismo em sala de aula requer adaptações e estratégias diferenciadas, mas é muito positiva para todos, professores, alunos em geral e família. Nós só temos a aprender com a diversidade e não devemos nos paralisar frente aos desafios que a inclusão apresenta.

As práticas educativas sofreram as mais diversas influências ao longo dos tempos, quando a educação era atribuída como responsabilidade de algumas instituições, como as eclesiásticas, até se tornar um projeto de governo. A educação já foi privilégio das classes mais abastadas da sociedade e tinha como objetivo formar aqueles que liderariam seus povos; consequentemente, as práticas educativas visavam formar as competências para tal.

Com a universalização do ensino, as práticas educativas precisaram ser repensadas e, desta vez, o objetivo era formar o cidadão que iria interagir na sociedade e exercer papel importante como produtor e consumidor de bens e serviços. Quando os alunos com necessidades educativas especiais tiveram seus direitos aprovados e assinados

internacionalmente e o Brasil se tornou signatário, estava claro que as práticas educativas precisariam ser ajustadas para receber esses alunos nas escolas regulares.

Porém, as necessidades educativas especiais são as mais diversas e o transtorno do espectro autista é apenas uma delas, repleta de características que tornam esses alunos um verdadeiro desafio para os educadores desenvolverem práticas educativas que os incluam. Em meados do século passado, pesquisadores se interessaram por estudar esse transtorno para poder entendê-lo e promover as melhores formas de intervenção que ajudariam as pessoas com autismo a serem independentes.

Objetivou-se reunir em um único estudo, através de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, as contribuições de autores que se dedicaram a estudar o transtorno do espectro autista e que desenvolveram formas de intervenção validadas cientificamente para atender as necessidades educativas da pessoa com autismo.

De acordo com Bó (2019, p. 17), "a gravidade do transtorno do espectro autista é determinada pelos prejuízos na comunicação social e nos padrões restritos e repetitivos do comportamento e podem variar com o contexto ou oscilar com o tempo", Nível 1 – "Exigindo apoio" como veremos:

> Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas. Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento

> em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Na favela Tancredo Neves em Salvador, onde funciona o Ensino Médio, terá um grande desafio, pois receberá ao próximo ano letivo 10 adolescente com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo 06 meninos e 04 meninas, todos classificados no nível 1. A referida escola já começou a se mobilizar, para procurar estratégias de como trabalhar com esse público de forma igualitária, ao longo das pesquisas algo chamou bastante atenção que mesmo os 10 alunos tenham autismo em nível 1 a uma grande diferença.

Já sabemos que o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta pessoas de todas as raças e gêneros. Porém, as estimativas apontam para uma maior incidência de casos em meninos do que meninas. Segundo dados do CDC (Centros para Controle e Prevenção de Doenças norte-americana), existe 1 menina para cada 4 meninos no espectro.

Até alguns anos atrás, os estudos voltados para entender melhor o autismo, eram centrados em homens, o que pode ter facilitado bastante o diagnóstico para esse grupo. Esse, inclusive, é um dos principais motivos para a cor azul ser definida no passado como um dos símbolos do autismo.

Mas isso vem mudando. Muitos pesquisadores têm como hipótese que as mulheres podem ser menos diagnosticadas com TEA, existindo muito mais pessoas do sexo feminino no espectro do que imaginamos. O que acontece é que, geralmente, meninas não se encaixam na maioria dos estereótipos desse transtorno e tendem a ter os sintomas muito mais mascarados do que meninos.

Esse é o caso do comportamento social, um dos maiores fatores para identificar o transtorno. Além disso, os estudos também mostram que as meninas precisam mostrar dificuldades intelectuais, ou comportamentais, muito mais severas para o autismo ser considerado como causa desses déficits.

Dessa forma, quando existe autismo leve em meninas, a pessoa no espectro pode passar anos sem ser diagnosticada ou até mesmo ter que receber o diagnóstico errado, como TDAH, TOC e transtornos alimentares, como anorexia.

Nesses casos de diagnóstico tardio, é bastante comum que as meninas no espectro recebam o laudo de autismo leve.Com o acesso a informações de fontes confiáveis, e a conscientização sobre o autismo, cada vez mais pessoas podem se identificar com os sinais e procuram apoio profissional para, de fato, receberem um laudo.

É preciso entender, primeiramente, porque existe e ocorre essa diferença. De acordo com Goldman (2017):

> [...]de uma perspectiva biossocial que abrange os primeiros anos com base no gênero e práticas de socialização, proponho que esta notável diferença de sexo pode ser aumentada por expectativas clínicas e por instrumentos padronizados com viés de gênero usados para apoiar o diagnóstico (p.675).

Goldman (2013) discorre sobre um ponto importante a respeito da maneira que a sociedade trata os diferentes gêneros, o que influencia nos resultados e nos diagnósticos. Vale diferenciar, nesse ponto, que o sexo é biologicamente definido, o gênero é uma construção

através de comportamentos específicos condizentes com as expectativas socioculturais derivadas dos indivíduos e do sexo genético.

Conforme relata Puig Jové (2016):

> Observando mulheres autistas na escola, sabe-se que não tendem a ter tantos problemas comportamentais quanto os homens, que externalizam mais o comportamento, sendo mais comuns neles agressões físicas a expressar sua frustração. Comparando-os, meninos autistas têm pior desempenho, adaptação e geralmente uma atitude mais negativa em relação à escola, professores e colegas do que mulheres (p. 45).

2. OBJETIVOS:

2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender de que forma a comunidade escolar pode contribuir para a adaptação e desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas de alunos com TEA.

2.2 OBJETIVO ESPERCÍFICO

- Descrever as características do transtorno do espectro autista;

- Analisar como a comunidade escolar está sendo preparada para inclusão do aluno autista;
- Verificar as dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar para contribuir com o desenvolvimento dos alunos autistas;
- Analisar a realidade escolar no processo inclusivo no contexto do autismo na escola do Ensino Médio;
- Identificar e estimular o avanço do conhecimento, vendo a necessidade de buscar alternativas coerentes, que realmente contemple os alunos com autismo nível 1.

3. METODOLOGIA

3.1 ESCOLA DO ENSINO MÉDIO NA FAVELA TANCREDO NEVES

Na favela Tancredo Neves em Salvador, possui uma escola de Ensino Médio onde sua estrutura é: uma quadra de esporte, 8 salas de aula, 2 banheiros um feminino e o outro masculino, uma sala de informática porém com poucos equipamentos, diretoria e sala dos educadores. É uma escola que requer de recursos para se manter, possui profissionais qualificados, pois alguns são de outras cidades, ela irá receber 10 alunos autistas, todos no nível 1, onde 6 são meninos e 4 meninas, fez necessário várias pesquisas e constatou que á uma diferença entre meninos e meninas com TEA, nível 1.

Para que possam recebê-los a entidade fez um levantamento com questionários com algumas famílias que possui crianças com essa síndrome, para que possam entender e ter as melhores estratégias para trabalhar com esse público.

3.2 ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR COM ALUNOS COM TEA, NO ENSINO MÉDIO

Estratégias que podem ser utilizadas para intervir junto de uma pessoa com autismo na sala de aula e que ajudarão ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem e detalhar cada um deles:

- Antecipação
- Dar Tempo
- Ser Claro
- Não Perspetivar
- Proporcionar Rotina
- Dar Espaço à Socialização
- Necessidade de Autorregulação
- Proporcionar um Ambiente Tranquilo
- Aceitar Desafios
- Criar uma Equipa

É importante usar estímulos visuais como cartões com imagens e símbolos durante as atividades. Ou então, promover atividades sensoriais para facilitar a aprendizagem do autista. Além disso, as atividades em grupo ajudam a ampliar a interação entre os colegas. Mas todos os métodos citados o mais importante que o educador precisa ter é seu Plano Educacional Individualizado (PEI) ,é um documento elaborado pelo professor a partir de uma avaliação de um aluno com necessidade educacional específica.

É importante na inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista por conduzir a prática pedagógica dos professores em direção às necessidades educacionais desses alunos, com base em um trabalho colaborativo com os pais e equipe multiprofissional.

3.3 ENSINO ADAPTATIVO

Um dos grandes desafios dos educadores de pessoas com o TEA é contribuir com o processo de inclusão escolar e fazer com que esses alunos aprendam e acompanhem o conteúdo das aulas. Para ter sucesso na inclusão é importante a adaptação dos conteúdos é didática.

A utilização dos recursos didáticos corretos é fundamental para a inclusão e para que o aluno com TEA absorva os conteúdos educacionais e realmente aprenda. Por isso, uma forma de melhorar o aprendizado é investir na adaptação dos conteúdos didáticos. Isso é necessário porque os autistas sentem dificuldade de aprender da forma tradicional e ter esse apoio pedagógico facilita o processo de aprendizagem e inclusão.

É necessário que a adaptação dos conteúdos didáticos das aulas seja realizada de acordo com o repertório comportamental de cada aluno. Mas, vale destacar que nem todo aluno com o Transtorno do Espectro do Autismo precisará de uma adaptação dos materiais didáticos.

3.4 ATIVIDADES E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

Foi realizado uma pesquisa na favela Tancredo Neves, com o objetivo de obter informações sobre autismo no nível 1 no ensino médio. A pesquisa para este estudo de caso foi de natureza descritiva: Realizações de pesquisas bibliográficas e entrevistas com pessoas

da favela que possui estudantes autistas de nível 1, com a finalidade de aprimorar e atualizar o conhecimento sobre o caso estudado, conceitos, sintomas do autismo leve, o que pode causar, como tratar, comportamento e como lidar.

Com as pesquisas e entrevistas constatou que temos que providenciar uma rotina, criar um cronograma visual é um método eficaz e muito utilizado para fazer isso. Você pode colocar imagens e palavras simples em um cronograma, em ordem cronológica, para descrever as atividades e transições do dia do aluno. Ter esse auxílio visual dá à criança uma sensação de segurança, ao mesmo tempo em que atua como um lembrete para aqueles que a apoiam.

Muitos adolescentes com autismo experimentam o que é conhecido como Sensibilidade Sensorial. Isso pode fazer com que eles tenham intensas reações positivas ou negativas à estimulação sensorial**.** Portanto, um passo útil e simples que você pode dar é tornar o ambiente da sala de aula menos sobrecarregado para eles. Faça o que puder para remover ou reduzir quaisquer estímulos no ambiente que lhes causem ansiedade, ou ainda reforçar os estímulos positivos.

Para apoiar plenamente esses alunos dentro e fora da escola, o educador deve, portanto, coordenar e compartilhar conhecimento com eles. Ambos podem sugerir intervenções que funcionaram em casa ou na escola para o adolescente e podem integrá-las à sua rotina.

A construção de um relacionamento mais próximo não beneficiará apenas o autista, mas também ajudará os pais e a escola se sentirem à vontade com a educação de seus filhos**.** Seu compromisso de trabalhar com eles aumentará sua confiança na capacidade da escola de apoiar seus filhos.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a coleta de dados realizados na comunidade se tornou possível a compreensão de que as professoras da escola compreendem a educação inclusiva como uma iniciativa muito importante e necessária, acreditando que a partir do contato com os outros alunos, professores e profissionais de apoio ao adolescente com necessidade educacional específica desenvolve habilidades de convivência, de comunicação e de aprendizado.

Através da entrevista, compreendeu que muitas famílias carentes não conseguem identificar e lhe dá com a situação desses alunos tornando muito difícil o aprendizado. A partir dos relatos e do estudo bibliográfico constatou a importância dada a família, principalmente no que se refere a participação no cotidiano escolar. Essa participação compreende diálogo entre pais e professores, presença nos eventos promovidos pela escola; reuniões bimestrais; visitas semanais na instituição. Dessa maneira a inclusão é efetiva quando o aluno participa das atividades e interage com a comunidade escolar, considerando que a inclusão é um trabalho árduo, constante e desafiador.

5.CONCLUSÃO

No entanto, a inclusão dos alunos autistas na escola regular ainda está em construção e precisa avançar. A inclusão escolar desses alunos depende de um olhar mais apurado da equipe pedagógica, do reconhecimento de suas habilidades e potenciais, da capacitação de profissionais e cuidadores, da reestruturação da educação de forma que esta possa acolher as diferenças e reconhecer a importância da diversidade em sala de aula.

O papel do professor do atendimento educacional especializado (AEE) precisa ser ressignificado nessa conjuntura. Assim como o papel da família, ambos precisam assumir-se colaborativos no processo de escolarização do aluno autista. As práticas pedagógicas, evidentemente, precisam ser desenvolvidas de maneira articulada.

A sociedade atribui escola a responsabilidade de educar e ensinar. No entanto a Educação também é dever da Família. O acompanhamento e a participação da família são essenciais, caso contrário a escola se vê engessada e trabalhando sozinha, o que torna muito mais difícil o desenvolvimento de uma prática inclusiva eficiente.

Os professores necessitam de suporte de várias ordens para desenvolver atividades adequadas em salas de aula inclusivas, tais como: materiais instrucionais apropriados e apoio de pessoal especializado; uma política claramente estabelecida e compromisso dos gestores para lidar com situações especiais que requeiram medidas particulares como treinamento e supervisão contínua, ampliação no tempo para planejamento de atividades ou redução no tamanho da classe; necessitam do suporte e auxílio de todo o ambiente escolar para ousar e poder experimentar, com ética e responsabilidade, práticas pedagógicas inovadoras em busca de experiências educacionais capazes de promover a inclusão educacional; é preciso consolidar uma prática social que encoraje toda a comunidade escolar, incluindo os alunos e suas famílias, a rever suas velhas crenças e comportamentos em relação a alunos e professores, ao ensino e aprendizagem, às funções da escola e a outras questões da vida escolar comunitária. É necessário, acima de tudo, construir uma cultura inclusive no interior das nossas escolas e comunidades em geral. (SADÃO OMOTE, p. 394, 2005)

As intenções educativas para com esse alunado não podem se restringir à elaboração técnica do projeto político pedagógico. Precisam se assumir, de fato, na prática pedagógica.

Muitas escolas têm enfrentados desafios para atender a demande de alunos com transtornos do espectro autista (TEA) pois o autismo é uma desordem global que causa reações como, por exemplo o não desenvolvimento normal da inteligência. Isso resulta nas dificuldades de desenvolver relações sociais normais e em comportamentos compulsivos e ritualísticos. Embora algumas pessoas tenham inteligência e fala intacta, outas possuem sérios retardos em seu desenvolvimento da linguagem.

As manifestações comportamentais que definem o autismo incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamentos repetitivos na interação social e na comunicação, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e um repertorio restrito de interesses e atividades como são observados no estudo de caso.

Tento como objetivo apresentar as dificuldades de alunos com TEA, que irão estudar no próximo ano no ensino médio de uma escola da periferia do Rio de Janeiro, considerou-se pertinente relatar um caso bastante importante, pois a escola precisa buscar estratégias, meios que facilite e desenvolva a aprendizagem desses alunos com transtorno do espectro autista.

Com os resultados das pesquisas bibliográficas e entrevista a uma família que vivencia a situação pode-se observar que é possível tem sucesso no trabalho e no desenvolvimento dos alunos com TEA, ao conhecer as características dos alunos, a escola terá outra visão e melhor será o resultado, pois ela irá desenvolver habilidades baseada na capacidade dos alunos, será elaborado metas e estratégia voltada para o bom desempenho deles.

REFERÊNCIAS

Bosa, C. A. (2002). Autismo: Atuais interpretações para antigas observações. In C. R. Baptista, & C. Bosa, (Eds.), Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção (pp. 21-39). Porto Alegre, RS: Artmed.

Braga, I. S., & Rossi, T. M. de F. (2007). Desenvolvimento da criança com o espectro de autismo na abordagem histórico-cultural de Vygotsky. Educação: Saberes e Práticas, 1(1), 1-21.

Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília. DF: Imprensa Oficial. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (1994).

Política Nacional de Educação Especial. Brasília, DF: MEC/SEESP. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (2001).

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEESP. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. (2002).

Resolução CNE/CP n. 1 de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF: MEC/CNE/CP.

BRASIL. Saúde de A a Z: **Quem são as pessoas com deficiência?** Disponível em: <http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BRASIL. Viver sem Limite: **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), 2013.

CARBONE, P. S. *et al*. Primary care for children with autism. **American family physician**, v. 81, n. 4, p. 453-460, 2010.

CASE-SMITH, J. *et al*. A systematic review of sensory processing interventions for children with autism spectrum disorders. **Autism**, v. 19, n. 2, p. 133-148, 2015.

CERMAK, S. A., *et al*. Food selectivity and sensory sensitivity in children with autism spectrum disorders. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 110, n. 2, p. 238-246, 2010. https://doi.org/10.1016/j.jada.2009.10.032

COELHO, R. *et al* . Desenvolvimento infantil em atenção primária: uma proposta de vigilância. **J. Pediatr.** Porto Alegre , v. 92, n. 5, p. 505-511, out. 2016. http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2015.12.006

DE MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: guia prático. São Paulo: Associação de Amigos do Autista (ama)*, 2007.* 104 p.

DIÁRIO DA INCLUSÃO SOCIAL [blog]. Autismo: **os benefícios da fonoaudiologia**. Disponível em: <https://diariodainclusaosocial.com/2016/04/13/autismo-os-beneficios-da-fonoaudiologia/>. Acesso em 23. fev. 2021.

IM, D. S. Treatment of aggression in adults with autism spectrum disorder: a review. **Harvard review of psychiatry**, v. 29, n. 1, p. 35, 2021.

LORD, C. *et al*. Autism spectrum disorder. **The Lancet**, v. 392, n. 10146, p. 508-520, 2018.

LOSAPIO, M. F. *et al.* **Checklist Modificado para Autismo em Crianças Pequenas: versão revisada e consulta de seguimento (M-CHAT-R/F)™**. Disponível em: <https://mchatscreen.com/wp-content/uploads/2020/09/M-CHAT-R_F_Brazilian_Portuguese_v2.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. Lisboa: OMS, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Como usar a CIF: **Um manual prático para o uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. Genebra: OMS, 2013.

SANTA CATARINA. Protocolo Clínico e Protocolo Clínico e Clínico e de Acolhimento: **Espectro Autista (Transtornos Invasivos ou Globais do Desenvolvimento)**. Florianópolis: Santa Catarina/RAPS

SANTA CATARINA. **Protocolos da Rede de Atenção Psicossocial de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina, 2016. ISBN 978-85-62522-13-0

SÃO PAULO. **Cartilha Autismo e Educação**. São Paulo: Autismo e Realidade, 2013.

SÃO PAULO. **Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** São Paulo: Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, 2014.

SAÚDE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2021 [homepage]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em 25 mar. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FONOAUDIOLOGIA (SBFa); CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA (CFFa). **Nota de Esclarecimento sobre Protocolos Clínicos e Diretrizes no Tratamento de Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista.** Disponível em: <https://www.fonoaudiologia.org.br/nota-de-esclarecimento-sobre-

protocolos-clinicos-e-diretrizes-no-tratamento-de-individuos-com-transtorno-do-espectro-autista-2/>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FONOAUDIOLOGIA (SBFa). **Parecer:** Métodos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas Ampliadas no Tratamento de Indivíduos com Transtorno do Espectro Do Autismo. São Paulo: SBFa, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Triagem precoce para Autismo / Transtorno do Espectro Autista**. Porto Alegre: SBP, 2017.

TELESSAÚDERS-UFRGS. **Protocolos de encaminhamento para Neurologia Pediátrica**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

TELESSAÚDERS-UFRGS. **Protocolos de Encaminhamento para Psiquiatria Pediátrica**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

TELESSAÚDERS-UFRGS. "**Como identificar a possibilidade de Transtorno do Espectro de Autismo (TEA) precocemente na Atenção Primária?**". Porto Alegre: UFRGS, 2020.

BÓ, Fernanda Rocha. *Caracterização da linguagem de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista*. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Ciências), Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Ribeirão Preto, 2019.